



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL

PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS SANTANA

**MEMORIAL DESCRITIVO:
O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS SANTANA
ENTRE IDAS E VINDAS**

Recife
2025

MEMORIAL DESCRITIVO:
O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS SANTANA
ENTRE IDAS E VINDAS

PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS SANTANA

Trabalho apresentado em 2026.1 na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sob orientação da Prof. Dr^a. Thais Ludmila da Silva Ranieri

Recife

2025

Sumário

Agradecimentos	4
Apresentação	5
1. Quarta série, ano de ouro: minha primeira inspiração	6
1.1 Lembranças de um maravilhoso passado	7
2. Caminhada de desilusões: o 1ª abando.....	10
2.1 Recomeço e novo tropeço.	10
2.2 Ensino médio aí vou eu!.....	12
2.3 Universidade ai vou eu!	13
3. Chegada a Universidade: Nova realidade	14
3.1 Entre duas rodas e 18 quilômetros	17
3.2 Meu primeiro momento em sala de aula.....	18
3.3 A pandemia e o colapso da minha formação	19
3.4 Retomada presencial da universidade e novas esperanças.	21
Conclusão	26
Referências	27

Agradecimentos

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.” — Paulo Freire (FREIRE, 1996, p. 47).

Antes de qualquer coisa, expresso minha profunda gratidão às pessoas que marcaram minha trajetória e contribuíram para que eu chegasse até este momento tão significativo. Agradeço aos meus pais, Ana Maria Silva dos Santos e Severino Alves dos Santos, que me ensinaram, com humildade e determinação, que é por meio da educação que podemos transformar nossa realidade e construir possibilidades maiores do que aquelas que um dia imaginamos.

À minha esposa, registro meu reconhecimento e carinho por permanecer ao meu lado mesmo nos momentos em que até eu duvidei de mim. Seu apoio, sua força e sua fé no meu potencial foram fundamentais para que eu seguisse em frente e não desistisse dos meus sonhos.

Estendo minha gratidão a todos os meus professores em especial a minha professora da 4ª série, do ensino fundamental I, Sra. Alda Maria Barroso Borges, carinhosamente conhecida como tia Alda. Foi com ela que aprendi, ainda no primário, que o ato de ensinar vai além das palavras: envolve sensibilidade, expressão artística, afeto e cuidado. Suas práticas deixaram marcas que continuam influenciando minha compreensão sobre o papel do educador.

Também agradeço aos meus colegas de curso, Diego Galdani, Marcilio Junior e Ana Claudia que foram essenciais nos períodos finais da graduação. O companheirismo, energia e o incentivo deles tornaram essa caminhada mais leve, mais humana e, sobretudo, possível.

Por fim, dedico toda esta jornada às minhas filhas, Maria Fernanda e Wendy Santana. Que cada passo que dei, cada dificuldade enfrentada e cada conquista alcançada sirva como inspiração e suporte para a caminhada que ainda está por vir na vida das minhas duas princesas. Tudo que construo aqui carrega um pouco delas e é, também, por elas.

Apresentação

O presente memorial se propõe a percorrer alguns dos anos mais significativos da minha vida acadêmica e pessoal. Neste documento, registro a caminhada que me trouxe até o último período do curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — um percurso marcado por inconstâncias, recomeços, desafios, pandemia, perdas, encontros, carinho, força e, por fim, com a graça do Senhor, a tão sonhada conquista do diploma.

Me chamo Pedro Henrique dos Santos Santana, filho de Ana Maria Silva dos Santos e Severino Alves dos Santos. Nascido em Pesqueira, no interior de Pernambuco, vim com minha família para o Recife aos três anos de idade. Meus pais buscavam para mim aquilo que sempre acreditaram ser o caminho mais seguro para transformar a vida: uma educação de qualidade e melhores oportunidades.

Quando meu pai chegou à “cidade grande”, como Recife era chamada por nós, ainda não havia concluído o ensino médio. Lembro-me, mesmo que de forma fragmentada, de que por volta dos meus cinco anos de idade soube que ele havia retornado aos estudos por meio de um *supletivo*. À época eu não compreendia o peso dessa decisão, mas aquela palavra — “supletivo” — carregava uma força que, anos mais tarde, teria um impacto profundo e inspirador na minha própria formação.

Mas, antes de falar sobre como foram esses quase oito anos de universidade, preciso voltar um pouco no tempo e refletir sobre os caminhos que me trouxeram até aqui.

Figura 1: Recordação escolar



Imagem de acervo pessoal, Pedro Henrique dos Santos Santana.1991

1. Quarta série, ano de ouro: minha primeira inspiração

O ano era 1998. Eu cursava a quarta série do ensino fundamental — equivalente ao quinto ano nos dias atuais — e foi nesse período que encontrei minha primeira grande inspiração na educação. Conheci uma professora doce, sensível e profundamente comprometida com o ato de ensinar, cuja metodologia fugia completamente ao padrão predominante no final dos anos 1990.

A professora Alda Barroso, ou simplesmente *tia Alda*, utilizava a arte e a cultura do nosso estado como ferramentas pedagógicas, transformando cada conteúdo em uma experiência viva. Se o trabalho era em grupo, lá estávamos nós aprendendo ao som de um forró ou de um xaxado; se o assunto era gênero textual, certamente surgia um cordel para iluminar a aula; até nossas provas, sempre criativas, rompiam com o formato rígido e tradicional daquele período.

Tia Alda possuía o dom raro de cativar seus alunos: arrancava sorrisos nos momentos difíceis e transmitia leveza até nas cobranças, contrastando com o ensino engessado e ríspido de outras professoras. Sua prática pedagógica deixou marcas profundas em mim e ajudou a moldar meu olhar sobre o que significa educar. Paulo Freire em sua poesia diz que:

Figura 2: Poesia

“Escola é... o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...

Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.

O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.

Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'!

Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz”

Paulo Freire poema "Escola"

Cópia do poema "Escola" por Paulo Freire, conteúdo encontrado no site acervoapi.paulofreire.org

Esse vínculo não terminou naquele ano. Permaneci muito próximo – “Até meus quinze anos”, agora não mais como aluno, mas como parceiro, amigo, quase um filho, no grupo teatral que formamos juntos. Ao longo dos anos, o grupo cresceu e passou a acolher alguns jovens que, naquela época, estavam perdidos ou à margem da escola. Esse período foi, sem dúvida, um dos que mais contribuíram para o meu desenvolvimento como ser humano. Mesmo muito jovem, compreendi que cada pessoa carrega sua própria história e que não cabe julgar ninguém sem antes escutar, acolher e compreender sua realidade.

Foi justamente nessa etapa da minha vida que vivi minhas primeiras experiências de ensinar algo a alguém de maneira mais sistematizada. Curiosamente, não foi por meio das letras ou dos números, mas pela arte da dança. Sempre me coloquei como alguém disposto a compartilhar o que aprendia, sobretudo com meus amigos mais próximos. Naquele momento, eu ainda não compreendia exatamente por que dedicava tanto tempo e energia a repassar aquilo que descobria, mas sabia que sentia um profundo prazer em ajudar meus colegas a desenvolver suas próprias habilidades. Era uma alegria ver o crescimento deles e perceber que, de alguma forma, eu contribuía para isso — uma sensação que, sem que eu percebesse, já anunciava o educador que um dia eu tornaria.

1.1 Lembranças de um maravilhoso passado

Sempre pensei em como poderia homenagear, de forma quase eterna, as pessoas que passaram pela minha vida e contribuíram para quem sou hoje. Por isso, sinto-me profundamente feliz em dedicar este espaço do meu memorial aos meus companheiros de adolescência. Eles foram, em muitos momentos, a família que a vida me permitiu escolher. Agradeço imensamente a cada um desses amigos que caminharam ao meu lado e fizeram dessa fase um período tão marcante. E com as palavras do grande cantor e compositor Milton Nascimento, deixo minha homenagem aos meus grandes amigos.

Figura 3: Grupo Kean



Imagem de acervo pessoal, apresentação do Grupo, Armazém 14, na cidade do Recife – PE

Figura 4: Amigos

Canção da América

Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção
Que na América ouvi

Mas quem cantava chorou
Ao ver seu amigo partir
Mas quem ficou no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou

Amigo é coisa pra se guardar
Do lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam não
Mesmo esquecendo a canção

O que importa é ouvir a voz que vem do coração

Pois seja o que vier
Venha o que vier
Qualquer dia, amigo
Eu volto a te encontrar
Qualquer dia, amigo
A gente vai se encontrar

Imagem retirada do site: vagalume.com.br, música: Canção da América

Esta página dedico a memória do meu exemplo de educadora

Professora Alda Maria Barroso Borges

Figura 5: Saudade



Imagem de acervo pessoal em memória da professora Alda Barros

Obrigado, professora, por todos os momentos proporcionados pelo seu carinho e atenção.

2. Caminhada de desilusões: o 1ª abandono.

A vida sempre me foi apresentada como uma sequência de altos e baixos, caminhos tortuosos e ditados populares que tentam explicar nossas quedas e superações. No meu percurso como estudante, porém, tudo aconteceu rápido demais. Ao mesmo tempo em que eu vivia intensamente a sensação de pertencimento ao meu grupo de amigos — quase como uma segunda família, minhas relações escolares estavam desmoronando.

Muito disso começou após uma transferência que considero desastrosa, na 6ª série do ensino médio no ano de 2000, para a Escola Estadual Saturnino de Brito, localizada em Porta Larga, cidade de Jaboatão dos Guararapes. Eu ainda era muito imaturo e não soube controlar minhas curiosidades e impulsos adolescentes diante das novas tecnologias e jogos que começavam a surgir naquela época. O resultado foi duro: três reprovações consecutivas e a sensação de estar preso a um caminho sem volta.

Em casa, a situação também não ajudava. A relação dos meus pais estava abalada, culminando em uma separação que quebrou o convívio familiar e, comigo, um pouco do chão onde eu pisava. Aos poucos, deixei de me reconhecer nos estudos. O tempo passava e se tornava cada vez mais difícil permanecer em uma sala ao lado de colegas muito mais novos que eu. Foi, então, que tomei minha primeira decisão extrema: abandonar os estudos.

Assim, como lembra Paulo Freire, “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando”. Essa frase traduz bem aquele período da minha vida: eu ainda não sabia caminhar, tropeçava nos próprios passos, mas, sem perceber, já estava começando a aprender com eles.

2.1 Recomeço e novo tropeço.

Assim se passaram dois anos longe da escola. Curiosamente, sempre que encontrava algum amigo vivendo uma situação parecida com a minha — e eram muitos — eu os aconselhava a retomar os estudos. É importante dizer que, dentro de mim, sempre existiu a convicção de que apenas por meio do conhecimento conseguimos ascender socialmente. No entanto, a vergonha de recomeçar se mostrava um obstáculo maior do que qualquer entendimento racional. É preciso dizer que essa vergonha tinha uma raiz social bastante forte. O modelo de supletivo que circulava no imaginário das pessoas naquele período era muito diferente do que se compreende hoje. No início dos anos 2000, a ideia disseminada entre

familiares e amigos era a de que o supletivo era destinado apenas a pessoas analfabetas ou delinquentes não queriam nada com a vida ou pessoas que jamais haviam frequentado a escola. Por isso, eu não conseguia me reconhecer naquele espaço; sentia que não pertencia àquele lugar e, por vergonha, preferi me afastar e silenciar minha própria necessidade de recomeçar. “Stephanou e Bastos”, ao analisarem o modelo de supletivo implantado no período, afirmam que...

Além de se tratar de um programa aligeirado, com alfabetizadores semipreparados, reforçando a ideia de que qualquer um sabe ensinar, tinha como um de seus pressupostos a relação de submissão entre o Norte-Nordeste (subdesenvolvido) e o sul-Sudeste (desenvolvido). Além disso, com a permanente campanha ‘Adote um Analfabeto’, o PAS contribuiu para reforçar a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz, passível de adoção, de ajuda, de uma ação assistencialista (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 272).

Embora o programa PAS, mencionado por “Stephanou e Bastos”, tenha sido encerrado em 1998 pelo governo federal, e já estivesse vigorando o plano Brasil Alfabetizado, iniciado em 2004, ainda estávamos inseridos em uma geração profundamente marcada pelas representações que esses modelos anteriores de ensino deixaram. Mesmo após o fim do programa, persistia a ideia de que o estudante “fora da idade adequada” carregava uma espécie de culpa individual por sua trajetória escolar interrompida. Assim, qualquer iniciativa destinada a esse público era vista com desconfiança ou estigma, o que reforçava sentimentos de vergonha e inadequação.

Apesar de toda vergonha, cheguei a tentar voltar à escola no ano seguinte à minha primeira desistência, mas uma experiência negativa com um colega de turma, somada a uma nova mudança de residência, fez com que eu recuasse novamente. Naquele período, eu morava com meu pai, que já enfrentava dificuldades financeiras e preocupações que o impediam de parar e olhar com mais atenção para minha situação. Diante desse contexto, mudei-me mais uma vez, agora para a casa de minha mãe.

Entre idas e vindas, o tempo continuou passando. Quando finalmente tomei coragem para retornar à sala de aula, eu já tinha 18 anos. Ao retomar os estudos nesse novo formato, tudo fluiu de maneira positiva: reconstruí laços, fiz novas amizades e encontrei professores que foram maravilhosos. Entre eles, o professor de História, Sandro, cuja dinâmica em sala de aula

despertava a atenção de todos. Sua metodologia envolvente me fascinava, e foi nesse período que, mesmo timidamente, surgiu em mim o primeiro desejo de ser professor. Embora ainda estivesse recomeçando minha caminhada, aquele breve sonho plantou uma semente que carrego com grande carinho até hoje. Porém, logo no ano seguinte, tive que abandonar a escola mais uma vez devido a complicações familiares e outra mudança de residência. Nesta situação, decidi por não mais voltar a estudar, focar em trabalhar, guardar meus sonhos e seguir sem a formação tão desejada.

2.2 Ensino médio, aí vou eu!

Dizem que os trinta anos é a idade do sucesso, mas, para mim, esse momento chegou um pouco antes. Fiquei quase onze anos longe da escola, trabalhando em diferentes áreas e com uma família para sustentar — não era uma rotina fácil. Mesmo assim, no meio de tantas responsabilidades, eu nunca deixei de sonhar em concluir o ensino médio. Esse desejo sempre voltava entre minhas conversas com minha esposa, Erivânia Maria da Silva Santana, ela, que até hoje me guia e sempre me apoiou em cada decisão e posso dizer que não é apenas minha esposa, mas a minha estrela guia. E foi então que, em 2016, partiu da minha esposa a sugestão que mudaria tudo: tentar o ENEM como forma de obter a certificação do ensino médio. Esta possibilidade estava disponível desde o ano de 2012 como um dos programas de conclusão do ensino médio do Ministério da Educação sob a portaria - hoje atualizada - nº 382/2025, que estabelece as diretrizes complementares para o cumprimento da Política Nacional de Avaliação da Educação Básica e estava no seu último ano de aplicação, porque, na época, para muitos, a aplicação pelo ENEM era muito ampla e com poucas chances de sucesso. E com base nesta última possibilidade me escrevi para mudar a minha realidade naquele ano de 2016, realizando a prova e aguardando com ansiedade o resultado no ano seguinte.

Figura 6: Certificado

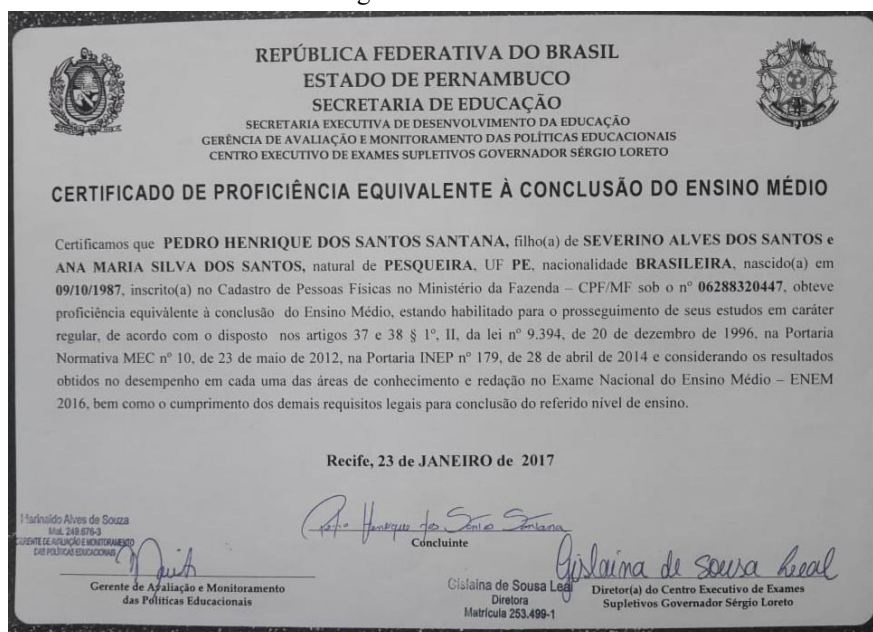


Imagem de acervo pessoal, certificado de conclusão do ensino médio, ano de 2017

Através deste documento, as portas do mundo se abriram para mim, e assim não me sentia mais a margem da sociedade.

Após concluir essa etapa, fui tomado por uma felicidade difícil de descrever. Finalizar aquele ciclo da minha vida parecia um sonho realizado, um alívio completo como se um peso enorme tivesse sido retirado das minhas costas. Naquele momento, passei a enxergar possibilidades que antes pareciam distantes ou até inalcançáveis. Entre elas, surgiu a chance concreta de utilizar minha nota no SISU e, finalmente, ingressar em uma universidade. Esse sentimento de abertura para novos caminhos dialoga com o que Paulo Freire afirma em seu livro *Educação e Mudança* (1979), ao refletir sobre a consciência da própria realidade:

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias” (Freire, 1979, p.17)

Nesse período, compreender minha trajetória e reconhecer minhas conquistas foi essencial para acreditar que novos horizontes eram possíveis — e que a universidade deixava de ser apenas um sonho distante para se tornar um projeto real.

2.3 Universidade, ai vou eu!

A escolha pelo curso de Letras, para mim, não esteve inicialmente ligada apenas à possibilidade de me tornar professor. Na verdade, naquele momento, eu sequer acreditava que

a docência fosse um caminho possível, considerando minha trajetória educacional marcada por interrupções e recomeços.

Ainda assim, a educação sempre esteve muito presente em minha família. Meu pai, tias, primos e, especialmente, minha esposa — que havia concluído a graduação em Letras pouco mais de um ano antes — acabaram me conduzindo, de forma quase natural, ao universo da docência.

Sempre tive grande interesse por temas ligados à História. Fascinava-me compreender como o mundo foi construído, como suas raízes se formaram e como as sociedades prosperaram mesmo diante de tantas adversidades. No entanto, naquele processo seletivo, minha nota não foi suficiente para ingressar no curso de História. Diante disso, pela proximidade com a área, pela afinidade com as linguagens e, sobretudo, pela possibilidade concreta de utilizar minha nota no SISU, optei pelo curso de Letras português/espanhol na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) naquele ano. Aguardei ansiosamente pelo resultado daquele semestre e, quando saiu a vaga para início em 2017.2, fiquei sem palavras. Sinceramente, a única coisa que eu queria naquele instante era desabar em lágrimas, mas me contive e permaneci ali, observando a tela, incrédulo e tomado por um profundo orgulho. Eu não havia apenas concluído o ensino médio: tinha sido aprovado em um curso avaliado com nota 5 estrelas, em uma universidade federal reconhecida.

A alegria foi imensa. Lembro-me claramente de comunicar o resultado à minha família pelo WhatsApp e de receber, quase imediatamente, mensagens de felicitações. Em seguida, vieram as ligações — especialmente do meu pai e da minha mãe — e ainda ecoa na minha memória o orgulho e a felicidade presentes em suas vozes. Aquele momento foi especial porque simbolizava mais do que uma conquista acadêmica: representava o fim de um período marcado pela vergonha e pelas incertezas e o início de um futuro que, finalmente, se abria diante de mim.

3. Chegada à Universidade: nova realidade

Ao chegar à universidade, lembro-me de ter ficado impressionado com o tamanho de toda aquela estrutura. Tudo parecia um grande formigueiro: corredores e pátios lotados, uma mistura intensa de gerações, muito diferente do que eu havia imaginado. O Restaurante Universitário (RU) estava cheio, com uma fila enorme, e eu não sabia exatamente para onde ir,

em qual sala deveria entrar ou por onde começar. Por alguns minutos, minha mente entrou em completo desespero, e levei cerca de vinte minutos até conseguir me localizar.

Apesar disso, aquele primeiro dia foi extremamente marcante. Eu estava ali, dentro da universidade, realizando um sonho que, por muito tempo, pareceu distante. No meio da confusão, da insegurança e da novidade, havia um sentimento maior: eu estava simplesmente feliz.

Meu primeiro período na universidade foi marcado por um intenso processo de adaptação a um contexto completamente novo — e não foi nada fácil. Eu vinha de uma trajetória educacional não regular, com muitas lacunas de aprendizagem, tanto nos aspectos teóricos e práticos. Apesar de me dedicar bastante, enfrentar novas teorias e discutir temas sobre os quais eu pouco havia ouvido falar foi um desafio enorme. Mas também, era possível perceber que todo aquele novo cenário educacional representava uma grande novidade para todos da turma. A universidade exigia uma adaptação coletiva, e esse processo, naturalmente, se mostrava difícil para cada um de nós. Sobre essa fase de adaptação, conforme a perspectiva de Vygotsky (2007) destaca que a adaptação do aluno ao contexto escolar ocorre de forma gradual e está diretamente relacionada às interações sociais e às mediações pedagógicas presentes no ambiente educativo, uma vez que o desenvolvimento e a aprendizagem se constroem nas relações com o outro. Essa reflexão ajuda a compreender por que aquele início foi tão desafiador e, ao mesmo tempo, formativo.

Minha turma era composta, em sua maioria, por jovens adultos, e o entrosamento inicial foi, como posso dizer, bastante complexo. Diante desse cenário, acabei me aproximando mais das pessoas com maior experiência de vida dentro da sala, o que facilitou minha adaptação. Ainda assim, é importante registrar que minha turma foi maravilhosa. Ao longo do tempo, construí memórias maravilhosas e, hoje, sinto muita falta de todos eles, que foram parte essencial do meu processo de formação. Dedico este espaço do memorial aos companheiros que iniciaram essa jornada ao meu lado. Éramos mais de cinquenta no primeiro dia de aula, formando uma turma extremamente humana e dedicada. Compartilhar com vocês grande parte do meu processo de formação tornou essa caminhada ainda mais significativa e inesquecível.

Figura 7: Primeiro dia



Imagem de acervo pessoal: Turma da Licenciatura em Letras Português Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco 2017.1, turno: noite, primeiro dia de aula.

Nesse primeiro período, todo o conteúdo esteve voltado para a introdução teórica à literatura e aos conhecimentos linguísticos, além de marcar meu primeiro contato com a língua espanhola. Como sempre tive grande fascínio pela História, e grande parte das disciplinas introdutórias em Literatura dialoga diretamente com a formação das sociedades letradas, senti-me extremamente empolgado com os estudos. Esse entusiasmo se manteve até a chegada da primeira verificação de aprendizagem.

A partir da chegada das provas, minhas inseguranças começaram a se intensificar. Apesar das muitas dúvidas que eu ainda carregava, realizar provas sempre foi uma das minhas maiores dificuldades. Escrever textos e redações não era meu ponto forte naquele período, e sintetizar as ideias para colocá-las no papel, dentro do tempo proposto, mostrou-se um desafio enorme. Somava-se a isso toda a pressão que colocávamos sobre nós mesmos, tornando o clima ainda mais tenso e dificultando o que, por muitas vezes, era de certo modo simples. Durante estes processos avaliativos, pude refletir sobre como queria que fossem minhas avaliações quando me tornasse um educador, nada de longos textos, provas de certo ou errado, queria algo contínuo e acolhedor, não amedrontador, e só mais a frente pude entender que os processos de uma educação formativa eram o que se encaixavam melhor no meu modo de ensinar. Neste sentido, Villas Boas (2006) ressalta que a avaliação formativa deve acompanhar a trajetória de construção das aprendizagens dos educandos, permitindo ao professor analisar, de maneira contínua e interativa, os avanços e as dificuldades dos alunos, bem como refletir sobre sua própria prática pedagógica, reorganizando o ensino para favorecer aprendizagens mais significativas e humanas. Assim, passei a entender a avaliação não como um momento de medo

ou punição, mas como uma ferramenta de escuta, diálogo e crescimento — princípio que hoje orienta minha prática e meu modo de compreender a educação.

Mesmo com todos os desafios iniciais, as notas vieram, e foram dentro da média, o que me rendeu um bom período de férias de fim de ano. Logo no início de 2018, o país vivia em uma polarização política intensa, muito devido ao golpe ocorrido em 2016, protestos eram frequentes, e o congelamento de investimento durante 20 anos que o governo instaurou no período, começará a causar diversos problemas administrativos e estruturais na universidade. Porém as atividades naquele ano seguiam dentro do esperado.

2.1 Entre duas rodas e 18 quilômetros

Nesse mesmo ano, precisei retornar ao trabalho, o que impactou fortemente minha formação acadêmica como um todo. Até então, eu trabalhava em uma empresa privada no centro do Recife, em escala 6x1, e a rotina intensa exigiu que eu dobrasse esforços para conseguir chegar às aulas. Do segundo ao quarto período, minha vida passou a ser vivida sobre uma bicicleta, desviando dos obstáculos que surgiam pelo caminho. Saía para trabalhar às 6h da manhã e finalizava o serviço às 17h50, seguindo diretamente para a universidade, tinha apenas cerca de trinta minutos para me deslocar do centro da cidade, em horário de pico, até o bairro de Dois Irmãos, onde está localizada a UFRPE.

Chegava sempre exausto, coberto de suor, mas com uma enorme vontade de aprender. No entanto, a maior dificuldade enfrentada nesse período foi o tempo — ou melhor, a falta dele. Não havia tempo suficiente para desenvolver as atividades acadêmicas com a dedicação desejada, nem para viver plenamente a universidade. Muitas vezes, mal havia tempo até para me alimentar.

Como consequência dessa rotina, acabei perdendo oportunidades importantes para a formação em um curso de licenciatura. Não pude participar de programas como o PIBIC ou o PET, oferecidos pela universidade, e tive poucas chances de atuar como monitor em eventos acadêmicos, já que a participação em turnos extras era inviável. Com o passar do tempo, cheguei até a me perder na própria grade de horários e enfrentei dificuldades para cursar disciplinas optativas devido aos constantes choques com o trabalho. Por isso, registro aqui minha gratidão aos professores que se empenharam em ofertar disciplinas optativas no turno noturno, tornando possível, a continuidade da minha formação. Diante dessas limitações, minhas participações nas atividades acadêmicas acabaram sendo bastante restritas. Consegui

estar presente, principalmente, nas Semanas de Letras realizadas no turno noturno, além de algumas participações pontuais, como no 7º Seminário Acadêmico do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica, ocorrido no turno da tarde organizado pelo professor Antoni Cardozo. Fora esses momentos específicos, os quatro primeiros períodos da graduação foram vivenciados quase exclusivamente no âmbito teórico, o que reforçou ainda mais a sensação de estar sempre correndo contra o tempo para dar conta das exigências do curso, principalmente cortando Recife ao meio entre duas rodas e 18 quilômetros.

Uma particularidade marcou o quarto período: em meio aos horários exigidos pelo trabalho, infelizmente, um de nossos professores não acolheu de forma sensível minha recorrente situação de atraso. Tal postura acabou por me colocar em uma situação constrangedora, quando, sentado e com o olhar voltado diretamente para mim, proferiu uma frase marcada pela falta de empatia: *“você precisa se esforçar mais”*. Naquele dia, respeitosamente pedi desculpas e tentei argumentar sobre a situação, tudo em vão, havia levado falta na aula inicial. Decidi, então, ao fim da aula, cancelar a cadeira e jogá-la mais à frente. - Péssima solução, era uma cadeira prioritária e dependia dela para seguir com outras posteriormente, com isso fiquei desbloqueado e com diversas cadeiras se chocando, iniciando um efeito dominó terrível, mas para aquele momento talvez necessário.

3.2 Meu primeiro momento em sala de aula

A partir do quinto período (2019.2), decidi incluir a cadeira de ESO I e ter a minha primeira experiência em sala de aula como aluno observador, esta cadeira, geralmente era implantada no sexto período, mas essa possibilidade foi adiantada devido a minha saída do emprego naquele ano, possibilitando que eu pudesse desenvolver alguma atividade no turno da tarde, além do dia vago na grade devido ao choque de horários. Escolhi a Escola Municipal Nilo Pereira, na Estrada do Arraial, bairro de Casa amarela – Recife PE. Em 2019, era uma escola recém reformada da rede Municipal da cidade do Recife, e era bem próxima a minha residência, o que facilitou todo o processo de deslocamento. Como as turmas em que realizei o estágio eram compostas por alunos do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental II, era visível que muitos ainda estavam em processo de adaptação ao novo ritmo escolar. Havia bastante agitação em sala de aula, mas, curiosamente, eu acabava me reconhecendo dentro daquela movimentação.

Durante o estágio, o que mais me chamou a atenção foi o domínio de classe exercido pela professora, mesmo em meio a um contexto aparentemente tumultuado. Com poucas palavras, ela conseguia conduzir a turma a um estado de tranquilidade e concentração surpreendente. As atividades propostas eram dinâmicas, porém extremamente organizadas, o que dialoga diretamente com as ideias de Libâneo (1994): o ensino deve ser pensado como uma ação que considera quem são os alunos e as realidades que atravessam suas vidas. Nessa perspectiva, o professor precisa conhecer seus estudantes para planejar experiências de aprendizagem significativas, assumindo um papel de orientação e cuidado, e não apenas de transmissão de conteúdo.

Nesse sentido, ficava evidente que a professora conhecia seus alunos e suas histórias, o que facilitava todo o processo de ensino e aprendizagem. Foi um período muito satisfatório de observação e vivência, marcado especialmente por um momento simbólico: naquelas aulas, por diversas vezes, fui chamado de professor — um gesto simples, mas que me marcou e reforçou minha identidade docente em formação.

O quinto período correu como planejado, a esta altura já estava adaptado à universidade e com um pouco mais de tempo disponível, mas foi justamente no fim deste período que, o mundo recebeu com temor a notícia que estávamos prestes a sofrer com uma pandemia de escalas colossais. A palavra pandemia só havia sido citada para mim em séries ou livros e não imaginava o que viria pela frente, — na verdade, ninguém imaginava.

3.3 A pandemia e o colapso da minha formação

Quando iniciamos o período 2020.1, já estávamos cientes da catástrofe que se desenhava no mundo e que, rapidamente, avançava em direção ao nosso país. No entanto, a educação brasileira não estava preparada para enfrentar a tragédia que se anunciava. Professores despreparados para os modelos de ensino a distância, estudantes com dificuldades financeiras e acesso precário à tecnologia e à internet, além de uma universidade que já enfrentava um cenário de baixo investimento e descredibilização, agravado por um governo que demonstrava interesse na privatização da educação pública, compunham um quadro extremamente delicado, a partir das reflexões de Pretto, Bonilla e Sena (2020), é possível compreender que a pandemia evidenciou e intensificou desigualdades educacionais que já estavam presentes, sobretudo no que se refere ao acesso às tecnologias digitais. Essas limitações afetaram de forma significativa

a permanência e o rendimento acadêmico dos estudantes do ensino superior, tornando ainda mais complexos os desafios enfrentados durante esse período.

Foi nesse contexto que a pandemia de COVID-19 atravessou as portas da universidade logo após o Carnaval. Lembro-me de que a suspensão inicial das atividades seria de apenas quinze dias, mas esse prazo foi sendo sucessivamente renovado, até que chegamos a um período de aproximadamente seis meses. As disciplinas em que estávamos matriculados só foram concluídas muito tempo depois, em um processo marcado pela improvisação e pelo desespero institucional. O impacto foi profundo em toda a comunidade acadêmica: naquele primeiro momento, poucas pessoas estavam emocionalmente ou estruturalmente preparadas para estudar, avaliar ou participar de aulas remotas. Tudo parecia um verdadeiro caos, de acordo com as reflexões de Saviani e Galvão, (2021): durante o período pandêmico, as escolas e universidades foram obrigadas a reorganizar rapidamente seus processos formativos, o que trouxe consequências pedagógicas, emocionais e institucionais profundas para docentes e discentes.

Diante dessa realidade, a universidade buscou se adaptar e deu início aos chamados períodos letivos especiais (PLE), inicialmente sem reprovação e, posteriormente, retomando o sistema regular de avaliação. Contudo, eu nunca consegui me adaptar ao modelo de ensino remoto proposto nesses períodos e acabei acumulando diversas reprovações sucessivas. Ainda durante a primeira onda da COVID-19, fui acometido pela doença, por volta do mês de dezembro. A partir desse momento, meu foco ficou profundamente comprometido. Passei a enfrentar dificuldades de concentração e permaneci com alguns déficits ao longo do ano seguinte, o que impactou diretamente meu rendimento acadêmico.

Com todo esse cenário caótico, minha formação entrou, literalmente, em colapso. Em dois anos de vida acadêmica, consegui concluir apenas cinco das quinze disciplinas que havia planejado cursar. Todo o entusiasmo que me acompanhava até então deu lugar ao descrédito, e, naquele momento, passei a duvidar seriamente de que conseguiria concluir minha graduação.

Foi nesse contexto de credibilidade emocional e ainda sob o regime de aulas semipresenciais que iniciei o ESO II, no ano de 2022. Dessa vez, o estágio foi realizado no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI), localizado na Avenida Dr. Francisco Correia, nº 709, em São Lourenço da Mata, e ocorreu no formato de ensino a distância.

Naquele momento, a modalidade remota se apresentava como a única alternativa possível diante das restrições impostas pela pandemia. Foi nesse cenário que me deparei com dificuldades significativas no desenvolvimento das atividades pedagógicas. A professora supervisora enfrentava limitações no uso das ferramentas digitais e pedagógicas os alunos com dificuldade técnicas, o que resultava em aulas pouco interativas, baseadas quase exclusivamente na exposição do conteúdo. A consequência mais visível era a dispersão da atenção dos alunos, situação que, para mim, foi profundamente entristecedora. Por que a educadora fazia de tudo para trazer à atenção dos educandos o tempo todo.

Essa experiência no ESO II me levou a refletir sobre a importância de o professor possuir domínio das novas tecnologias educacionais e investir continuamente em sua formação. A pandemia evidenciou limites estruturais da educação e reforçou que a formação docente não pode ser pensada apenas em termos técnicos, exigindo uma reflexão permanente sobre as práticas pedagógicas e sobre o sentido do trabalho do professor. Essa compreensão dialoga com as ideias de Libâneo (1994), desenvolvidas na obra *Didática*, ao defender que o ensino e a formação do docente devem considerar a dimensão humana, social e pedagógica do processo educativo, para além do domínio de métodos e conteúdo.

À luz desse entendimento, e diante das transformações nas modalidades de ensino, especialmente em contextos emergenciais como o vivido durante a pandemia, a atualização pedagógica e tecnológica torna-se indispensável para garantir práticas mais significativas, interativas e humanas no processo de ensino-aprendizagem.

3.4 Retomada presencial da universidade e novas esperanças.

A retomada das atividades presenciais, em 2023, foi, para mim, um momento estranho e marcado por contrastes. A universidade já não era a mesma. O barulho e a correria que antes lembravam um formigueiro no início de cada semestre deram lugar a um cenário de melancolia e silêncio. Espaços que antes eram fundamentais para a rotina acadêmica, como o setor de cópias (xerox), passaram a ser pouco utilizados, afetando inclusive figuras emblemáticas da área de Humanas da UFRPE. Comércio tradicionais, como os de Shirley e Ed, nunca mais retomaram o movimento de antes, evidenciando o impacto profundo deixado pela pandemia no cotidiano universitário.

Naquele mesmo ano, vivi momentos de extrema dualidade, recebendo boas e más notícias. A melhor delas foi a aprovação em um concurso público, conquista que me trouxe

benefícios reais, especialmente no aspecto financeiro, além de me garantir mais tempo e estabilidade para retomar a graduação. No entanto, como a vida é feita de altos e baixos — e como seres humanos, não temos controle absoluto sobre nossos destinos — a alegria foi rapidamente atravessada pela dor.

Durante aquele período letivo, meu pai foi acometido por um câncer. A doença foi descoberta em estágio avançado e, em apenas vinte e cinco dias, ele passou por uma internação às pressas, três cirurgias consecutivas e, por fim, entrou em um coma profundo. Um dia após a Páscoa daquele ano, meu pai nos deixou. Diante dessa perda, eu simplesmente desabei. Embora não tenha me aprofundado, ao longo deste memorial, sobre a importância que meu pai teve em minha vida, sinto a necessidade de registrar aqui o quanto ele foi essencial para minha formação humana. Dos homens que fizeram parte da minha trajetória, meu pai foi aquele que mais me amou, mais me ensinou e, com toda certeza, o que mais acreditou em mim. Deixo, portanto, registrado no tempo o meu mais sincero agradecimento por tudo o que o senhor fez por mim. Te amo, meu velho.

Meu retorno à universidade ocorreu oficialmente no período 2022.2, de acordo com o calendário acadêmico, embora já estivéssemos no ano de 2024. Dessa vez, voltei com a cabeça no lugar e com mais tempo para me dedicar às atividades previstas. Esse período representou, sem dúvida, um dos melhores momentos que vivenciei ao longo de todo o meu processo de formação.

As disciplinas passaram a ter um enfoque muito mais prático, voltado diretamente para a formação docente. As atividades tornaram-se mais dinâmicas, com a realização de seminários, práticas pedagógicas e constantes reencontros com colegas do primeiro período, o que fortaleceu vínculos e me impulsionou a seguir até a conclusão dessa etapa da minha vida.

Dentre as experiências mais marcantes desse período, destaco a LITERAUFEM, realizada no primeiro semestre de 2025. Coordenada pelo professor Iedo Paes, a LITERAUFEM surgiu como atividade avaliativa da disciplina optativa de Literatura de Autoria Feminina, e foi um imenso prazer integrar a equipe organizadora do evento. Nessa disciplina, tive encontros extremamente significativos, especialmente com colegas que se tornaram fundamentais no meu percurso e que, até hoje, me oferecem suporte e incentivo para concluir o curso.

Figura 8: LITERAUFEM



Imagem de acervo pessoal, realizada na LITERAUFEM, 2025.1 Equipe organizadora

As discussões realizadas em sala de aula sobre as dificuldades, resistências e forças das mulheres no contexto literário e educacional brasileiro enriqueceram profundamente a disciplina e ampliaram minha percepção sobre a relevância da presença feminina na educação. Essa vivência não apenas abrilhantou minha formação acadêmica, como também contribuiu para a construção de um olhar mais sensível, crítico e comprometido com a valorização das vozes femininas no campo educacional.

Também considero importante destacar o ESO IV e as aulas da disciplina de Didática do Ensino, realizadas no turno da tarde. No âmbito do Estágio Supervisionado, tive a oportunidade de realizar a regência no 2º ano do Ensino Médio da EREFEM São Miguel, localizada na Travessa Sirigí, s/n, bairro do Alto do Mandu, Recife-PE. Porém, antes de falar sobre o estágio em si, preciso destacar as aulas coordenadas que apresentamos durante nossa disciplina na sala de Universidade sobre a olhares atentos da professora Thais Ludmila da Silva Ranieri. Nessas aulas, pude me encantar com os profissionais que estão se formando neste período: pessoas humanas, comprometidas e extremamente preparadas para os desafios da docência. As aulas foram dinâmicas, marcadas por excelência e por um domínio de conteúdo que me impressionou profundamente.

Nesse momento tão significativo da formação, um pequeno detalhe teve um grande impacto sobre mim e me trouxe força e alegria para, enfim, concluir todo esse percurso. Refiro-me à avaliação recebida na aula apresentada em conjunto com meu companheiro de

apresentação Marcílio Junior. Faço questão de registrar esse episódio neste memorial, pois esse reconhecimento, ainda que simbólico, foi decisivo para renovar minha confiança em um momento crucial da minha trajetória formativa.

Figura 9: Avaliação

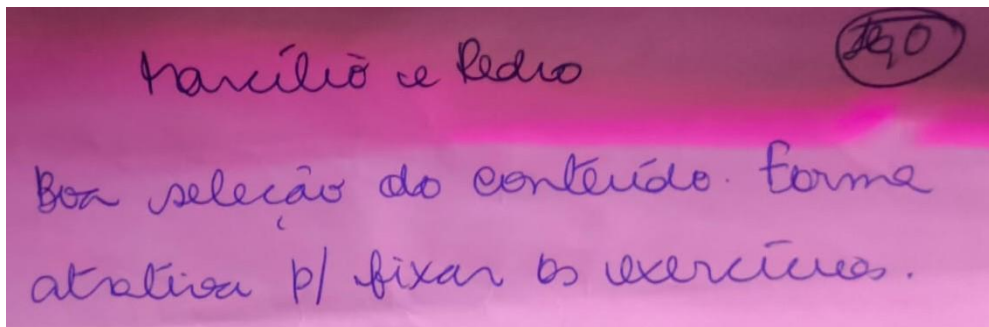


Imagem de acervo pessoal, nota da avaliação em ESO IV

Já na escola, vivi um novo choque de realidade. Diferentemente dos anos finais do ensino fundamental, o Ensino Médio apresenta desafios específicos e mais complexos para o educador, especialmente dentro do contexto em que pude atuar. A turma contava com poucos alunos frequentes e demonstrava, em muitos momentos, falta de respeito com a figura do professor. Não houve aula em que não ocorressem entradas e saídas constantes de alunos, além de uma atenção bastante reduzida ao conteúdo que estava sendo apresentado.

Ainda assim, mesmo diante de tantos desafios, a professora conseguiu conduzir as aulas com tranquilidade, paciência e firmeza. As atividades propostas foram aplicadas de forma consistente, demonstrando domínio pedagógico e compromisso com o processo de ensino-aprendizagem. Após o período de observação, tive a oportunidade de assumir a regência e ministrar três aulas, totalizando seis horas de atuação direta no Ensino Médio. Este momento de estágio me reafirmou da importância de não apenas ter conhecimento sobre o conteúdo aplicado, mas sim ter conhecimento da situação que cada aluno está passando no determinado momento da sua vida, apesar de ter passado por diversos problemas durante a minha formação, por diversos momentos pré-julguei a atitude dos alunos em sala, mas sem compreender a contexto vivido por eles. Foi por meio das conversas realizadas após as aulas com a professora que pude compreender os desafios e as realidades vivenciadas pelos alunos ao longo do processo educacional. Esse contato possibilitou entender a postura serena e paciente da docente diante de cada situação enfrentada em sala de aula. A prática docente, nesse sentido, exige sensibilidade e paciência frente às diferentes experiências dos estudantes, pois, como afirma

Paulo Freire, “ensinar exige saber escutar”, reconhecendo o aluno como sujeito do processo educativo e o diálogo como fundamento ético da prática pedagógica (FREIRE, 1996).

Já nas aulas da disciplina de Didática do Ensino, realizadas ao final do semestre 2025.2, pude refletir, juntamente com meus colegas, sobre os diversos aspectos sociolinguísticos, avaliativos e humanos envolvidos nos desafios do processo de ensino-aprendizagem. Vale salientar que essa disciplina ocorreu de forma especial, pois já não estava sendo ofertada regularmente pela universidade. Assim, foi aberta especificamente para os alunos que ainda precisavam cursá-la para a conclusão da graduação e que não haviam conseguido realizá-la em tempo hábil anteriormente.

A turma foi conduzida, em grande parte, por meio de aulas coordenadas, que se mostraram de extrema importância para nossa compreensão e desenvolvimento enquanto educadores em formação. Durante esse período, pudemos discutir o uso dos melhores recursos didáticos disponíveis, compreender a relevância de um processo de ensino pautado na avaliação formativa, refletir sobre a aplicação da sociolinguística nas atividades propostas aos alunos e, por fim, dialogar sobre a evolução da educação, sempre tomando nossas próprias experiências de vida como base para as reflexões.

Figura 10: companheiros



Imagem de acervo pessoal, finalização da disciplina Didática do ensino, 2025.2

Cada encontro dedicado a essa disciplina foi, sem exageros, um verdadeiro espetáculo de aprendizagem. Diante disso, deixo meu agradecimento especial aos professores Everton Avilar e Hérica Karina, que estiveram conosco nesse processo formativo, entregando-se ao

máximo para que pudéssemos alcançar o melhor desempenho possível em nossa jornada acadêmica e docente.

Conclusão

Concluir este memorial é, acima de tudo, reconhecer que minha trajetória educacional nunca foi linear. Foi feita de interrupções, recomeços, quedas, resistências e aprendizados que ultrapassaram os muros da escola e da universidade. Cada etapa vivida — da infância marcada por professores inspiradores, passando pelo afastamento da escola, pelo retorno tardio aos estudos, pela entrada na universidade, pelas dificuldades impostas pelo trabalho, pela pandemia e pelas perdas pessoais — contribuiu para a construção do educador que hoje estou me tornando.

A universidade me ensinou conteúdos, teorias e práticas, mas, sobretudo, me ensinou a olhar o outro com mais empatia, a compreender que ensinar exige escuta, sensibilidade e compromisso com as realidades dos estudantes. As experiências de estágio, as disciplinas pedagógicas, os eventos acadêmicos e as relações construídas ao longo do curso reafirmaram em mim a certeza de que a educação não se faz apenas com domínio de conteúdo, mas com humanidade, acolhimento e responsabilidade social.

Chegar ao fim dessa caminhada não apaga as dificuldades enfrentadas, mas me dá sentido. Hoje, encerro este percurso com a convicção de que cada desafio vivido fortaleceu minha formação pessoal e profissional. Mais do que concluir um curso, concluo um ciclo de vida marcado pela persistência e pela crença de que a educação transforma — não apenas trajetórias acadêmicas, mas pessoas, histórias e futuros. É com esse compromisso que sigo adiante, consciente de onde vim e certo do educador que desejo ser.

Referências

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 272.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Portaria nº 382, de 22 de maio de 2025. Dispõe sobre obter o certificado de conclusão do Ensino Médio por meio do ENEM. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 maio 2025.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Canção da América**. Minas Gerais. ATÉM Records, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.17

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p 47.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Avaliação **formativa e formação de professores: ainda um desafio**. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 22, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PRETTO, Nelson. de Luca.; BONILLA, Maria. Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula Freitas. de Souza (Org.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do autor, 2020.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. **Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”**. Universidade e Sociedade, Brasília, 2021. p 35-46.